



Verdrängung e o senso comum: disseminação de ideias contrárias a

Freud

Verdrängung and common sense: dissemination of ideas contrary to

Freud

Douglas Manoel Antônio de Abreu Pestana Dos Santos

Universidade Ibirapuera - UNIB, <https://orcid.org/0000-0002-1861-0902>,

douglaspesquisador@gmail.com

O famoso senso comum em que as pessoas literalmente usam todos os dias, relacionando inúmeras terminologias de modo que, tais ressignificações se popularizem diante da cultura do indivíduo, além da lástima de se trabalhar na perspectiva de conceitos onde determinados autores estrangeiros são sequencialmente retraduzidos para a língua universal (inglês) e posteriormente trazida ao português com questões ligadas a um viés, como a literalidade e indicações técnicas singulares. Muitas pesquisas se formam através de uma errônea concepção sustentando seus trabalhos em fatores como tradução versus o entendimento vulgarizado de conceitos extremamente sérios onde neste ensaio se faz pertinente exortar os pesquisadores sobre o domínio o inglês comparando os significados literais trazidos nestas traduções que ganham dois eixos a se atentar.

O senso comum “pedra no sapato do pesquisador” e a pesquisa baseada em um conceito que na origem da palavra o autor não previa para a construção da sua teoria, como no caso de Freud que deixou claro a partir da psicanálise que um sujeito se submeter ao recalque para manter fora da vista da consciência o que ela não poderia ver, para que ela sequer suspeite da presença dos habitantes do seu inconsciente. O guardião é um porteiro inconsciente, cujo papel tende à boa ordem, à paz e ao equilíbrio da consciência, mas cuja função de censor é recalcar no inconsciente para que permaneçam aí, sem exame e fora da vista da consciência, tendências às quais a consciência não pede razões (SCHLACHTER; BEIVIDAS, 2010).

Freud ([1915] 1996) considera que a função do recalque consiste em manter os desejos inadmissíveis impedidos de passar do sistema inconsciente para o pré-



consciente. Ao manter esses desejos no campo do inconsciente, o sujeito nem sabe que os possui ou os carrega.

Ainda sobre o senso comum, para falar do recalque explanado por Freud hoje verifica-se a vulgarização do mecanismo de defesa ligado a expressão “*sai, recalcada*” fazendo referência ao bordão da música criada por (VIANNA, VIEIRA E PARDAL, 2013) dentre outras referências que se faz ao termo recalque como “*recalque*” e “*recalcado(a)*”.

Longe deste padrão e partindo para o que realmente Freud deixou como legado de modo ainda se percebe que a teoria do campo clínico, que tem como foco o estudo da psique humana ainda caminha a passos largos o seu verdadeiro entendimento, estando nítido que tais termos comumente verbalizados parcialmente pela “população” não se assemelham ao conceito proposto pelos grandes pensadores da psicanálise.

Desde o princípio de seus estudos e investigações, Freud se preocupou em entender a formação e o funcionamento dos mecanismos de defesa do aparelho psíquico tanto para a neurose quanto para a psicose: *verdrängung* (recalque) para a neurose e *verwerfung* (foraclusão) para a psicose (KUSNETZOFF, 1982). Não sendo este propriamente o foco deste ensaio. *Verdrängung* é considerado o primeiro mecanismo de defesa investigado por Freud e serve como modelo para a construção de outros mecanismos de defesa mais complexos.

Na fase inicial de suas investigações, trabalhando com a neurose histérica, Freud estava preocupado em entender os mecanismos que poderiam explicar os esquecimentos. Freud atribuía a autoria desse conceito a ele próprio, mas em 1914, quando publicou *A história do movimento psicanalítico*, reconheceu que a ideia já havia sido pensada pelo filósofo Arthur Schopenhauer, na obra apresentada a Freud por Otto Rank, *O mundo como vontade e como representação* (ROUDINESCO; PLON, 1998).

A teoria psicanalítica explica que o recalque é o processo automático que mantém fora da consciência, impulsos, ideias ou sentimentos inaceitáveis, os quais não podem se tornar conscientes através da evocação voluntária. O recalque é um dos mais importantes mecanismos de defesa do ego e é utilizado desde os primeiros anos de vida para protegê-lo da angústia originada dos conflitos psíquicos. É um mecanismo de defesa



básico e precede a maioria dos outros, os quais, em geral, funcionam como reforços ou adjuntos, quando o recalque é incompleto (LEITE, 2009).

Freud ([1915] 1996) afirma que a força do recalque exige um gasto de energia constante, uma vez que o material recalcado exerce pressão contínua para se tornar consciente. Através desse duelo ocasionado pela existência da censura, que impede a manifestação consciente das ideias e desejos recalcados, é que surgem os sintomas, que aparecem como substitutos de algo que foi afastado pelo mecanismo de defesa.

Então, sendo o recalque através dos dados que conhecemos em português, o fator de aspecto que encontramos no interior da própria linguagem ou a produção de sentidos é comumente organizada em processos grupais, mas o recalque na psicanálise é um mecanismo de defesa inerente a nossa sobrevivência, caso este mecanismo não existisse, muito provavelmente o ser humano teria problemas singulares em sua convivência social.

A partir da repercussão de um pequeno trecho da música “*Beijinho no ombro*” atribuindo a expressão evocada para suscitação da calma, se percebe a diferença do que a psicanálise a partir de Freud propõe e o que a referida música a partir do entendimento comum a coloca. Assim, entre significante e significado as projeções aferidas a partir de uma tradução conceitual para uma determinada área negligenciando o que o autor propôs choca-se com uma cultura onde emerge sentidos diferentes banalizando um efeito relevante do conceito psicanalítico recalque desconfigurando o que é amplamente estudado na contemporaneidade.

Por fim, este ensaio não pretende refutar a obra musical divulgada pela cantora de funk *Valeska Popuzada*, com o jargão “*beijinho no ombro pro recalque passar longe*”, que tem em sua essência o objetivo de enviar uma mensagem específica que não parte do ponto de vista psicanalítico, deve-se aqui reafirmar que a constituição deste significado onde os sujeitos em sua cultura desconhecem e o que a música sugere, não pode ser ligado ao que a psicanálise de modo tão específico aborda em seus pressupostos teóricos.



Referências

FREUD, S. Repressão (1915). *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo, 1936 **Artigos de metapsicologia: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente** Rio de Janeiro: Ed., 2008.

LEITE, S. **Angústia, recalque e forclusão: algumas notas para a clínica**. *Psicanálise & Barroco em revista*, v. 7, n. 1, p. 209-218, jul. 2009. Disponível em: <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/13/P&Brev13Leite.pdf>. Acesso em: 12 Set 2020.

SCHLACHTER, L; BEIVIDAS, W. Recalque, rejeição, denegação: modulações subjetivas do querer, do crer e do saber. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, dez. 2010. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151614982010000200005&script=sci_arttext. Acesso em: 10 Mar. 2021.

VIANNA, W; VIEIRA, A; PARDAL, L. *Beijinho no ombro*, 2013. Disponível em: <http://letras.mus.br/valeska-popozuda/beijinho-no-ombro>. Acesso em: 12 set. 2020.

KLEIN, M. **Inveja e gratidão e outros trabalhos** (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago, 1991.